

O COMMERCIO DE BARCELLOS

SEMANARIO POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

MUNICIPIO DE BARCELLOS
BIBLIOTECA

Assignaturas

Trimestre 300 rs. Semestre 600 rs. Numero avulso 30 rs.
Redacção e Administração, Rua de S. Francisco, n.º 52, Barcellos, para onde toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte.

DOMINGO, 27 DE MARÇO

— DE 1892 —

Publicações

Annúncios, linha 30 rs. Repetições 20 rs. Corpo do jornal 40 rs. Os srs. assignantes gozam o abatimento de 25 % . Annunciam-se as publicações litterarias, de que se receba um exemplar.

N.º 108

ANNO III

SABBADO, 26

Vão encerrar-se as camaras e o paiz inteiro, que já sentiu muito mais entusiasmo pela actual situação e que já nutriu mais esperanças pela acção redemptora do ministerio do sr. José Dias, fixa agora toda a attenção no uso que o governo fará das autorisações concedidas pelas camaras para a reorganisação dos negocios publicos. Diz-se que só depois de encerradas as camaras é que o governo poderá entrar no caminho das grandes reformas e das rasgadas economias, das importantes reduções nos quadros e das consideraveis remodelações dos serviços publicos, e isto é-o bastante para todos estarem anciosos pelo encerramento das côrtes.

Chegamos a um tempo em que longe de se acompanhar com merecido favor os trabalhos parlamentares, de se acatar e admirar as discussões e resoluções das camaras, pelo contrario quasi se deseja fechado para sempre o parlamento.

Mas não é isto, infelizmente, uma infundada antipathia, uma injusta aversão e uma caprichosa corrente de opinião publica.

E' antes o resultado dos vicios d'origem que corroem a assemblea nacional, a consequencia inevitavel de erros e desvarios, que bem se poderiam evitar.

A actual maioria da camara dos deputados, que em breve deixará a existencia e que para memoria dos vindouros *vae ser photographada*, deixa de si um rastro bem pou edificante.

Serviu de chancellia a quatro ministerios e approvou tudo quanto representava sacrificios para este bom povo, cerceamento de liberdade para esta nação essencialmente liberal e afrontosa ruina para este paiz verdadeiramente decadente, eis o que poderá recordar-se de mais importante na sua vida.

De frente com tres crises politicas, não soube organizar um ministerio de força, de sinceros intuitos, que, identificando-se com a vontade da nação, traçasse e executasse, com pulso firme, um plano de administração publica adquado ás precarias circunstancias

do estado e ás exigencias de momento.

E nem ao menos, n'uns momentos verdadeiramente angustiosos, teve a iniciativa d'um trabalho serio, ou d um projecto de salvacão publica.

Tem sido o que se chama um agrupamento de *bons vivents*, que com nada se preocupam, que se accommodam a todas as situações, que tudo deixam correr ás mil maravilhas, com tanto que os deixem viver em paz, gozando os rendimentos do seu venado, ou o subsidio de deputado, ou esperando o ensejo de se anicharem, como a grande parte dos collegas.

Nem ao menos se interessavam pelas questões mais importantes que lhe foram submettidas, nem ao menos applicavam o seu estudo, o seu trabalho, a sua palavra á discussão das medidas de mais immediata execução. De alguns deputados é sabido nós que durante os tres annos da sua legislatura não assistiram a uma terça parte das sessões, não tomaram parte no mais insignificante trabalho da camara, a não ser, de uma ou outra vez, servindo de *apagadores*, como se costuma dizer.

Quando o paiz precisa de valorosos trabalhadores e dedicados obreiros para a sua restauração economica e social, é triste dizer-se que tem representantes que não dedicam um minuto ao estudo dos grandes problemas, e das variadas e importantes questões que hão de decidir do seu futuro!

E realmente revolta a opinião sensata, aliena sympathias um parlamento, quando a gente vê que um deputado eleito para no seio da representação nacional dizer toda a verdade da situação precaria em que se encontra o povo, o pobre povo que trabalha noite e dia, para mostrar os erros de administração e combatel-os, para advogar os interesses do paiz, etc, em lugar de cumprir religiosamente o seu mandato, trata de tudo menos do que lhe é imposto, como uma elevada e honrosa missão.

Assim não admira que todos anceiem pelo encerramento das côrtes, porque ao menos não se está pagando uma somma consideravel, como é a que se

dispende todos os annos com os srs. deputados.

Mas o que é ainda mais notavel é que, mesmo os que não assistem ás sessões dias e dias seguidos, e até mezes, esses mesmos recebem o subsidio como que o tivessem merecido, e no final da legislatura não se envergonham de ir novamente de porta em porta mendigar os votos que são necessarios para os reelegerem!!

Isto é verdadeiramente desconsolador e dá motivo bastante para que o paiz se vá convencendo de que é melhor fechar o parlamento por uma vez.

Nós, porém, que apesar de tudo ainda temos sympathias por essa grandiosa instituição, queriamos antes que o paiz fizesse uma boa escolha dos seus representantes, que mandasse ás camaras só homens de estudo, de trabalho e de caracter, e não principiasse a descreer da representação parlamentar.

Estamos convencidos de que se o povo eleger bons e dignos representantes, voltará o antigo prestigio de que gosava o parlamento, e para isso terá em breve o remedio.

Por agora o que se deseja é que elle feche depressa, para ver se o governo, livre da sua perniciosa influencia, dará ao paiz o que lhe prometteu.

A CRISE BANCARIA

Como era natural, esta crise que tem affectado em geral os estabelecimentos de credito do paiz, também se reflectiu em Guimarães, principalmente por causa das noticias alarmantes que vieram do Porto e Braga. Apesar d'isso o Banco de Guimarães e o Commercial de Guimarães tem continuado regularmente as suas operações, e parece que se houver serenidade e prudencia os dois estabelecimentos de credito atravessarão a crise sem grande difficuldade. Dizem-nos que nos dois bancos se tem reformado bastantes promissórias, e algumas de bastante valor.

Os bancos do Porto continuam na mesma, e os jornaes estrangeiros, que estão dedicando todos os dias algumas linhas ao nosso paiz nas suas revistas financeiras, dizem todos que o governo portuguez não lhes concede moratorias nem

prestará os auxilios pecuniarios de que em tempo se fallou muito, chegando-se a considerar isso um facto quasi consumado. Efectivamente as cousas tomaram outro caminho. No principio suppunha-se que os destinos da praça do Porto estavam de tal modo ligados aos bancos d'aquella cidade, que a sua queda teria de ser inevitavelmente seguida de funestissimas consequencias.

Parece que não é bem assim, e muito bom será que o não seja.

Havia umas poucas de hypotheses que segundo nos consta se não realisam. A primeira era a da existencia nos bancos portuenses de grandes depositos dos industriaes ou dos commerciantes, que de repente se vissem privados de poderem levantar as suas sommas, para continuarem a exercer a sua industria ou o seu commercio. Esta hypothese não se dá, porque os depositos d'aquelles bancos se achavam muito reduzidos.

A outra hypothese era a de continuarem os bancos a desentlar letras, porq ue então a interrupção brusca e rapida d'esse beneficio teria por força desastrosos effectos. Diz-se, porém, que esta hypothese também se não dá, por que os bancos do Porto já não faziam descontos por se acharem desprovidos de recursos para isso. Nestas condições parece a muita gente que o auxilio directo dos commerciantes e aos industriaes será mais proveitoso á praça do Porto do que o auxilio indirecto por meio dos bancos. Supponho que d'essa opinião foram os directores do banco de Portugal que estiveram no Porto, e que por isso se resolveu por parte d'este estabelecimento fazer aos commerciantes e industriaes d'aquella praça os descontos, que lhes forem necessarios para a sustentação do seu commercio e das suas industrias. D'este modo se occorrerá ás difficuldades financeiras, e se evitará a falta de trabalho, que tanto estava ameaçando a ordem publica com a sua perturbação.

As considerações que acima ficam transcriptas, podemos felizmente acrescentar que o Banco de Barcellos tem também como os de Guimarães todos as condições de segurança que os recommendam, e continua gozando de toda a confiança, não só por parte dos seus accionistas, mas também por parte dos depositantes, os quaes estão reformando as suas promissórias.

E com razão este estabelecimento possui o maximo cre-

dito, já porque as suas operações não tem, com os demais bancos, ligações que o possam affectar, já porque as transacções são fraccionadissimas e realizadas quasi totalmente no concelho, mas sempre com todo o escrupulo de que os seus dignos gerentes são capazes.

LOPO VAZ

Desapparece da arena do combate mais um brilhante gladiador, somme-se na viagem dos tempos, uma existencia rica de talentos, opulenta de predicações que arregaam affecto e dedicacão!

E é assim que a imprensa do paiz nos vem de referir a morte de Lopo Vaz de Sampaio e Mello, ministro de estado honorario, par do reino, vogal do conselho d'estado, membro do supremo tribunal administrativo, e o vulto mais preponderante do partido regenerador.

Ante o seu atande todos pranteiam uma morte tão prematura—a familia, os amigos, os correligionarios e os adversarios.

Para uns, é a dôr pelo ente que se estremece, que faz parte da propria vida; para outros, o affeiçoado, o prestimoso, o venerado e querido cidadão, cujo trato, protecção e dedicacão não podem ser esquecidos; para outros e para todos, o homem novo, de poderosas faculdades intellectuaes, de elevados merites e de qualidades politicas excepcionaes, que tão cedo baixa á sepultura, e quando a sua eminente posição o cercava das regalias que havia conquistado á custa do seu perseverante trabalho e de suas admiraveis aptidões.

Nós que pertencemos ao numero d'estes ultimos, sentimos o passamento do illustre adversario, e acompanhamos, na estreiteza de nossos recursos, a homenagem que o partido progressista consagrou ao brilhante combatente e achamos justamente merecida a veneração que o partido regenerador votava ao seu mais proeminente homem publico, e, portanto, justissimo o luto rigoroso com que pranteia tão irreparavel perda.

REVOLUÇÃO DE SETEMBRO

Das lides ingratas da imprensa desapareceu hoje um velho, illustre e glorioso cam-

peador. Desappareceu, mas o seu nome e a sua memoria ficam redi-vivos e serão sempre lembrados por todos os que labutarem n'este trabalho do jornalismo, tão cheio de escabrosidades, e tantas vezes tão injustamente apreciado. Terminou hoje a sua publicação o celebre jornal que José Estevam fundou, que Rodrigues Sampaio manteve n'um alto brilhantismo, e que com superior distincção era agora redigido por Antonio da Cunha Bellem, Rodrigues da Costa, Campos Junior e Freire Junior.

A *Revolução de Setembro* não acabou por lhe faltar quem mantivesse os seus antigos creditos. Não. Falto apenas ao denodado campeador o auxilio do partido em que nos ultimos tempos militou. O numero de hoje é todo consagrado á sua morte. Do primeiro artigo destacaremos estes periodos:

Morre com a consciencia da sua missão cumprida, morre tranquillo com a consciencia de haver desempenhado nobre e honradamente o seu dever. Matou-o talvez a sua austeridade de principios, a sua intransigencia com os processos novos do jornalismo; matou-o de certo o abandono,—o criminoso abandono,—do partido de que foi orgão durante tão demorado lapso de tempo, e que, esquecido das tradições antigas e dos nomes gloriosissimos que a elle se ligavam, não teve alentos, nem coragem, nem resolução de o sustentar na prevista queda.

Agora que a *Revolução de Setembro* morre, sem esperanças de que haja quem faça o milagre de resurgir o Lazaro da sua campa,— agora podemos confessar, sem escrupulo de pieguice, que lhe dedicámos muito amor, muita devoção, muito affecto, que para lhe conservarmos a existencia fizemos tudo, tudo quanto era decorosamente possivel, e que o nosso orgulho ao terminarmos esta ingrata e improba carreira, é podermos repetir no jornal de Rodrigues Sampaio as palavras d'elle, que desde a sua morte tomámos por lemma.

As suas verdades foram duras, mas foram sempre verdades!

Junto da campa do ultimo amigo da *Revolução de Setembro*, abrimos a sepultura humilde d'este jornal, que não terá a pranteal-o as lagrimas do partido regenerador, nem d'ellas precisa, ou essas lagrimas fossem a ultima manifestação da hypocrisia ou a primeira manifestação do remorso.

Nunca deixamos de dedicar ao nosso illustre collega uma amizade cheia de consideração e respeito. E' por isso que hoje sentimos sinceramente que—depois d'uma existencia brilhante de meio seculo— a *Revolução de Setembro* fosse forçada a terminar a sua publicação.

(Do Correio da Noite)

SCIENCIAS E LETTRAS

LITURGIA

Será permittido na quaresma adornar os altares com flores? —Durante a quaresma, no Officio do tempo, não é permittido adornar com flores (*) os alta-

(*) *Altare floribus non ornatur.* Merati. Pars IV. Tit. VI. et alii.

res.—Exceptua-se d'esta regra a Dominga 4.ª, chamada Laetare, porque assim principia o introito d'esta missa.

A Igreja, alliviando n'este dia, o rigor da penitencia, permite, que seus ministros vistam dalmaticas, que toque o orgão e que seus altares tenham ornamentação ou flores, permittindo tambem, que possa usar-se de paramentos de cor rosacea na missa solemne. E' n'este dia, que em Roma se celebra a festa da «Rosa» isto e: a festa em que o Papa benze uma rosa de ouro, que costuma enviar a algum principe catholico, em signal d'honrosa distincção. *Unde in signum laeti diei, Cardinales induuntur vestibus rosaceis, et Summus Pontifex, eundo, ac redeundo a Capella, in signum laetitiae fert Rosam auream in manu ab eo benedictam, quam deinde alicui magno Principi mittere solet.* Vid. Thesaur. Sacr. Rit., Merati pag. 247.

Finalmente; não se collocam vasos de flores nem ramalhetes sobre a banquetta do altar, todas as vezes que não é permittido tocar-se o orgão e o Diacono e Subdiacono não vestem a dalmatica e a tunica.

E a despeito do Ceremonial dos Bispos e de todos os rubricistas, veem-se nas nossas egrejas os altares com flores e ramalhetes nas domingas e ferias da quaresma!!!

Poderá o altar ser feito em forma d'armario, para n'este se guardarem as alfaias, vasos sagrados e outros quaesquer objectos de culto?

A S. Congregação respondeu á pergunta: *An pars posterior alicujus altaris praesertim si illud esset altare majus, possit adhiberi ad modum armarioli?* — pelas palavras seguintes — *Doceat de altaris forma.* Die 11 maii 1878 (Ad. XIII.) No entanto, segundo S. Carlos, Gavanto e Bauldry, não é conveniente que o altar tenha armarios ou gavetas, para fechar os ornamentos do culto.

Haverá algum Decreto que prohiba aos Sacerdotes usar de botinas nas funcções ecclesiasticas, quer o façam por economia, quer por commodidade?

O Decreto da S. C. dos Ritos de 31 d'agosto de 1872 manda usar ao clero do calçado (principalmente nas funcções sagradas) que os ecclesiasticos costumam trazer no logar ou diocese em que estiverem; copiemos pois, na sua integra a resposta da mesma S. Congregação: *Clericos in sacris praesertim functionibus adhibere debere caligas seu calceamenta, quibus publice uti solent probati Clerici Loci seu Dioeceseos.* — D'esta resposta se vê claramente, que não é permittido nas funcções sagradas usar de botas nem de outro calçado, que não seja o sapato com meia preta porque é e este o calçado mandado na archi-diocese pelos Prelados e do qual usam—*probati Clerici*, mais ainda; *laudandi vero sunt*— diz Merati (Pars II. Tit. I. De Praeparat. Sacerd. Celebraturi) *Clerici Regulares nostri, qui in Sacri-*

stia deponunt etiam communes crepidas, seu calceos, et alias ibidem ad id paratas crepidas induunt, ad majorem nitorem, et sacri Ministerii splendorem. Cavalieri diz o mesmo no cap. 7.º *De Celebratione in Oratoriis privatis*, verb. Ritualia § XXIII.

P. Fernandes.

O CIUME

Tem rugidos o mar, hystericos nevroses, Convulsões de titans, terriveis e ferozes; Depois da calmaria a tempestade estala. E transforma-se o mar n'uma profunda valle!

Ao doce ceciar do vento no arvoredor, Succede o furacão terrisono e funereo; E os robles collossaes cheios de horror e medo.

Vão em breve formar uma vasto cemiterio!

Ha outra tempestade, ha outro furacão Cem vezes mais cruel e mais devastador: —O que o ciume produz n'um moço coração Que todos se entregou a um entranhado amor!

CARLOS LEAL.

OS NOIVOS

A' sombra dos lilazes perfumada Sorriam-se felizes, ternamente.... A viração suspira embalsamada Nas harpas da floresta viridente.

Circunda-os uma aureola sagrada —A ventura sonhada docemente E um puro amor, a eterna Madrugada. Lhos banha a fronte doce e resplandente.

E enquanto a alada turba dos maestrinos, Os melros jovinaes, trauteiam hymnos Ao sol que surge, n'um clarão fulgindo,

Entre a folhagem, corre o som d'um beijo. Suave e puro, como o brando harpejo Das assucenas o seu peito abrindo...

ALBERTINA PARAIZO.

AS PLANTAS NAS SALAS

Vae augmentando dia a dia o gosto pelas plantas e desenvolvendo-se o gracioso e galante habito de com ellas se ornamentarem as habitações. Muita gente ainda pensa que as plantas devem ser só empregadas nas salas luxuosas dos opulentos. Engano completo.

Meia duzia de vasos com vegetaes communs, de pouco custo, dão um brilho sem egual á mais pobre habitação, e não ha na classe media e mesmo entre o geral do nosso operariado quem as não possa possuir.

Existem em Portugal fetos formosissimos que se dão admiravelmente nas salas e que se obtalem em qualquer pequeno passeio ao campo, nos domingos, pois abundam nos arredores do Porto, e especialmente nas margens dos regatos; e como estas, muitas outras plantas silvestres que fazem boa figura em toda e qualquer sala e que estão sempre ao alcance dos menos remediados de fortuna.

As plantas nas salas são tambem de grande utilidade pois beneficiam constantemente a atmospheria tornando-a mais pura e propria para ser respirada sem o menor inconveniente.

E' por isso que louvando incondicionalmente o gosto que ha na ornamentação das salas por meio de plantas, fazemos votos para que elle se desenvolva mais e mais, incitando as boas donas

de casa a dedicarem um pouco de tempo roubado ás suas occupações caseiras ao tratamento dos vegetaes que irão dar um brilho sem rival ás suas salas de recepção, de jantar e de repouso.

As plantas dentro de casa necessitam de poucas regas, que só lhe devem dar quando se começar a ver que o vegetal tem sede. O pó deve ser diariamente limpo nas plantas de folhagem larga com uma esponja levemente humedecida e nas de folhagem miuda por meio d'um pulverizador.

A LUZ E O PAPEL VERDE

Sabido é que os medicos são unanimes em considerar o reflexo do papel branco, principalmente quando fortemente illuminado, como nocivo á vista, preconizando o emprego de um papel de cor mais apropriado.

Como os olhos supportam facilmente os reflexos verdes, é costume aconselhar aos que os preferam a outros quaesquer, de-vendo, por consequencia, empregar-se o papel verde para escrever, etc.

Este papel, porém, segundo uma revista scientifica, tem um inconveniente: é o de fazer parecer a letra avermelhada e pouco distincta. Pelo contrario o papel amarello faz admiravelmente sobresahir a escripta e tem reflexos mais suaves que os do papel branco. Alguns mathematicos fazem uso do papel amarello quando tem de effectuar calculos longos e complicados.

As outras cores, azul vermelho e violeta não dão bons resultados.

Ha ainda uma cor, a que nos estofos é designada com a denominação de tinta de almecaga, que é favoravel á vista. O papel d'esta cor pode ser preferido ao verde.

PUBLICAÇÕES

Recebemos:

—O n.º 12, do 2.º anno, da *Revista Catholica*, semanario religioso vislense. O sumario d'este numero é o seguinte:—A nossa politica—Encyclica de Sua Santidade—Banarota do liberalismo—Os catholicos de França em actividade—A Italia feudataria da Alemanha—Os Bancos do Porto—A figura sublime de Leão XIII desenhada pelo pincel d'um livre-pensador—O liberalismo cruel e deshumano—Fructos da educação sem Deus—Chronica Romana—Chronica portugueza—Chronica diocesana—Chronica estrangeira—Secção canonica, moral e liturgica—Bibliographia.

—O n.º 78, tomo 4.º, da *Agricultura Portugueza*, bem redigido quinzenario dedicado á defeza da agricultura nacional. E' o seu sumario:—O tempo—Vaccinações carbunculosaes—Lactinios—Tuberculose—Tabaco do Douro—O mormo nos gatos—A condellaria do sr. conde de Sobral—Processo de enxertia—Systema de cultura—Formulario—Segundo congresso para o estudo da tuberculose no homem e nos animaes.

—Os n.ºs 174 e 175, 4.º anno, do *Amigo da Religião*, semanario de Braga.

—O n.º 5, do 14.º anno do

Progresso Catholico, importante quinzenario religioso de Guimarães.

—O n.º 12, do 3.º anno, de *La Nueva España*, semanario sociologico e espirituualista, de Madrid, cujo sumario é o seguinte. Suellos—Valor racional de las palabras, por Juli Putsage—Sulto—La elocuencia de los números, por Canta Claro—Servicios públicos, por Fuld-Jem—Suelto—Sección de Comunicaciones—Amor y Fe, por Eugenia N. Estopa—Suelto—Mi religión, por el Conde León Tolstoi—Pensamientos—Folietins.

—O n.º 99, 14.º anno, do *Sorvete*, excelente semanario humoristico de caricaturas portuense, illustrado pelo sr. Sebastião Sabido.

—O n.º 23, da *Revista do Minho*, quinzenario dedicado ao estudo das tradições populares, de Esposende.

DIA A DIA

Fazem annos:

Amanhã—o sr. Carlos Alberto Corte Real.
Dia 29—a exm.ª sr.ª D. Josefina Furtado d'Antas.
Dia 30—a exm.ª sr.ª D. Virginea Ramos de Castro.
Dia 2—o sr. Julio Vallongo.

Vimos n'esta villa o sr. Julio Candido Furtado d'Antas, escrivão de fazenda da Mealhada.

Tem experimentado melhoras o sr. Luiz da Conceição Veloso. Muito estimamos.

Com sua exm.ª irmã esteve terça-feira n'esta villa, o sr. Francisco Gomes Fogaça, nosso patricio.

Estiveram entre nós o capitão d'engenharia sr. Ignacio de Azevedo, e o sr. José Martins de Faria, contador da Povoas do Varzim.

Regressou de Famalicão, com sua exm.ª mãe, o nosso presado amigo sr. Luiz Ferraz.

Está melhor o sr. Antonio dos Santos Figueiredo, honrado negociante de Barcelinhos. Folgamos.

Tem passado incommodado o sr. Antonio Justiniano da Silva, tabellião de notas privativo.

Aggravaram-se os padecimentos do sr. Arthur Lourenço Roriz, alumno do seminario que viera em tratamento de sua saúde.

PELA SEMANA

Passos—Tem logar hoje, na freguezia de Manhente, d'este concelho, a costumada procissão de Passos.

Assemblea Barcellense—Na ultima segunda-feira foi eleita pela assemblea geral dos socios da Assembleia Barcellense uma nova comissão para administrar a mesma, ficando constituída da seguinte forma:

Presidente, o sr. dr. Antonio Ferraz; vogaes, os srs. tenente Oliveira, Sebastião Antonio Gonçalves d'Almeida, João Rodrigues de Faria e Paulo L...

Sagração d'um bispo—Effectua-se hoje, em Braga, a sagração do bispo de Angra. Em um jornal d'aquella cidade leem-se as seguintes notas referentes a tão grande solemnidade:

E' pelas 10 horas da manhã que, na Sé Primaz, tem começo, a pomposa solemnidade da sagração do novo bispo d'Angra, sr. D. Francisco José Ribeiro de Vieira e Brito. E' sagrante o sr. arcebispo primaz D. Antonio José de Freitas Honorato, e consagrantes D. Manoel, bispo-conde de Coimbra, e D. José Mariz, bispo de Bragança. Serve de mestre de ceremonias o rev.º João Vicente da Costa e Silva. O templo é dividido desde os arcos junto aos coretos até á capella mór. N'esse recinto só é permitida a entrada ás pessoas munidas de bilhetes qua lhes serão dados na sacristia. Não ha convites officiaes. A armação do templo foi confiada ao armador José Pereira da Cunha, sob a direcção do digno conego João Nunes da Costa, e dizem-nos ser d'um bello effeito. A orchestra é da bem conhecida capella dos srs. Esmeraldas. Em seguida á cerimonia religiosa vae o novo sagrado acompanhado dos sagrante e consagrantes para o seminario onde será servido um lunch pelo Grande Hotel do Bom Jesus. Ao acto assistem officialmente as ouctoridades ecclesiasticas e o sr. governador civil. Esperavam-se os srs. ministro da justiça, pares e deputados das ilhas para assistirem tambem.

Forças portuguezas em Arica—O sr. ministro da marinha recebeu o seguinte telegramma:

«Terminaram bem as operações em Geba. A columna passou a margem esquerda e atacou Gessara—Danda, e em 10 Tabanca, forte onde houve grande resistencia, sendo tomado aos rebeldes, que tiveram muitas baixas. Dos nossos foram mortos 2 soldados e 24 auxiliares, e feridos 151, entre os quaes o tenente Romão Vieira, um sargento e 16 praças de pret. Malaboia parece que fugiu para o territorio francez.

A columna recolheu a Geba em 13. Mostrou disciplina denodo e coragem. O castigo applicado aos rebeldes é sufficiente.»

O sr. ministro da marinha telegraphou ao governador da Guiné, felicitando-o pelo exito obtido mandando louvar as forças que fizeram parte da columna de operações.

A Patria—Recebemos a visita d'este novo collega, que começou a publicar-se em Braga.

FOLHETIM

D. UBALDO ROMERO QUINONES

VIOLETA

Novella sociologica
VERSÃO DE
SALDANHA Y AZEVEDO

CAPITULO II

A filha do alvencero

(continuado do n.º 107)

Como os leitores devem estar lembrados, o infeliz alvencero, tinha uma filha de dezeseis annos, por quem sua madrinha, uña das poucas que ainda aspirava um tanto das brizas sentimentaes, ar já velho n'este seculo todo positivista, se tinha altamente empenhado em dar-lhe o nome de Maria Violeta, nome que, como o leitor verá, lhe serviu muito de molde de adjectivo.

Por um singular capricho da miseria, Violeta era formosa como

Theatro do Gymnasio—Depois de muito trabalho e alguns sacrificios, um grupo de intelligentes rapazes d'esta villa acaba de preencher uma lacuna que desde muito se notava n'esta terra, já bastante digna d'uma vida menos aldeã, dotando-a com um pequeno theatro e constituindo-se em companhia de amadores para proporcionar algumas noites de distracção.

Deomina-se «Theatro do Gymnasio» e foi ante-hontem inaugurado por um escolhido e variado espectáculo, organizado da seguinte form: 1.ª parte—trabalhos de gymnastica por Julio Vallongo, Miguel Braz, José Vieira, Arnaldo Braz e Augusto Soucasaus; e a comedia—Os dous operarios em greve, por Antonio Aranjó e João Vallongo. 2.ª parte—a opereta em 2 actos e 4 quadros—O processo de Rasga cuja distribuição foi, Mr. Cancan, José Carvalho; El Señor D. Bolero, Joaquim Pereira; Lord Schifaroth, Julio Vallongo; El Señor Mirandella, João Vallongo; D. Rasga Roupa, Alberto de Jesus; D. Fandango, Augusto Soucasaus; O Senhor Fado, Thomaz d'Aquino Pereira; D. Malhão, Miguel Braz; D. Minuete, Arnaldo Braz; La Señorita Seguidilla, Margarida de Jesus; D. Caninha Verde, Augusto Cunha; D. Gavota, Delfim Esteves; D. Polka, Adelfo Esteves; D. Waltz, Antonio Lima; D. Mazurka, Adolpho C. Brão; D. Schöfisch, Candido da Costa; D. Lanceiro, Eduardo Lemos; Cheado, José Duarte.

O desempenho agradeou muitissimo e todos os personagens estavam habilmente caracterizados.

Os amadores de butantes, que o eram quasi todos, revelaram muita aptidão, distinguindo-se alguns que decerto farão apreciaveis progressos, e os não debutantes houveram-se com a habilidade que já lhes é reconhecida.

Foi ensaiador o sr. Cardoso Pinto a quem cabem merecidos encomios e que mais uma vez confirmou a sua provada intelligencia.

A orchestra, sob a direcção do sr. Domingos Correia, habil regente, executou mal bem.

O guarda-roupa vistoso e bonito, é novo e mandado fazer expressamente cá na terra.

A scenographia é tambem d'um artista d'esta villa.

Trespasso—Falleceu em Aveiro o sr. padre José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, reitor do lyceu d'aquella cidade, e membro vatoso e dedicadissimo do partido progressista.

Offerta ao principe da Beira—A officialidade do regimento n.º 18, offereceu ao prin-

cipe da Beira no dia do seu anniversario natalicio, uma linda espingarda encerrada n'um estojo riquissimo.

S. M. o sr. D. Carlos deu o titulo de principe real aquelle regimento.

Choque de comboios—Houve ha dias grande choque de comboios na linha do Algarve, em um ponto intermediario das estações de Saboia e Odemira.

Achava-se na linha um comboio de serviço, que devia resguardar-se na primeira d'aquellas estações para dar passagem ao comboio n.º 4, que vinha de Faro.

O chefe da estação mandou avançar este comboio, o qual foi chocar-se a uns 300 metros com o de serviço. Ficaram feridos doze passageiros, e um trabalhador com uma perna esmagada. O material ficou muito avariado. O comboio chegou ao Barreiro com tres horas de atraso.

Morte d'um revoltoso—Falleceu no hospital de Loanda Eduardo Correia, ex-musico de infantaria n.º 10, e um dos revoltosos de 31 de janeiro. Fora elle quem arvorara nos paços do conselho a bandeira republicana.

Monumento—«O Correio do Ave.» de Villa do Conde, iniciou uma subscrição para erigir um monumento á memoria do dr. Julio Graça, que tantos e tão relevantes serviços prestou áquella localidade.

ANNUNCIOS



AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados julgam ter agradecido a todas as pessoas que, na tarde do dia 14 de fevereiro ultimo, por occasião em que se deu o funesto acontecimento no rio Civdo, e do qual resultou a morte do seu sempre chorado filho e irmão Julio Augusto Coelho da Cruz, lhe prestaram relevantes serviços; a todas aquellas que os cumprimentaram por essa dolorosa occasião; aquellas que acompanharam o finado á sua ultima morada; e bem assim ás que se dignaram assistir á missa do 7.º dia; mas como possa ter-se dado alguma

falta involuntaria, vem por este meio reparar-a, protestando a todos o seu vivo eterno reconhecimento.

Barcellos, 27 de março de 1892. (211)

Maria Henriqueta Coelho da Cruz,
Mathias Gonçalves da Cruz,
José Marcellino Coelho da Cruz,
João Carlos Coelho da Cruz,
Antonio Maria Coelho da Cruz.

EDITOS DE 30 DIAS

2.ª publicação.

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão do 3.º officio, correm editos de 30 dias a contar da publicação do ultimo annuncio, citando todos e quaesquer credores e legatarios desconhecidos ou domiciliados fora d'esta comarca, para dentro d'esse praso de 30 dias deduzirem os seus direitos em conformidade com o disposto no § 4.º do artigo 696 do codigo do Processo Civil, no inventario entre maiores por fallecimento de Antonio Ribeiro de Carvalho, morador que foi na freguezia de Fão, sendo inventariante e cabeça de casal a filha e genro D. Anna Celestina Ribeiro de Carvalho e marido Manoel Dias do Vallo, da mesma, e isto sem prejuizo do regular andamento d'esse inventario.

Barcellos, 5 de março de 1892. (209)

Verifiquei,
O juiz de direito 1.º substituto,
Barroso de Mattos.
O escrivão ajudante do 3.º officio,
Francisco de Sousa Caravana.

ARREMATAÇÃO

1.ª publicação

No dia 27 do corrente mez de março, por 11 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, vão á praça para serem arrematados pelo maior preço que for offerecido, os bens infra indicados, penhorados na execução que a Fazenda Nacio-

nal move, para pagamento de contribuições em divida, a Manoel de Sá do Lago Forte, d'esta villa.

Trez juntas de bois, sendo, uma junta de côr castanha, que se calcula valer cento vinte e quatro mil e oito centos reis, outra junta, piscos, que se calcula valer, cento quinze mil e duzentos reis, e outra junta de igual côr, que se calcula valer a igual quantia de cento quinze mil e duzentos reis.

São por este meio citados todos os credores incertos do executado para assistirem, querendo, a arrematação e mais termos do processo.

Barcellos, 15 de março de 1892. (207)

Verifiquei a exactidão,
Barroso de Mattos,
O escrivão supplente nas execuções,
Arnaldo Delfim d'Almeida Azevedo.

EDITOS DE 30 DIAS

1.ª publicação

Pelo juizo de direito da comarca de Barcellos, e cartorio do escrivão do 5.º officio, Azevedo, e nos autos d'inventario entre menores a que se procede por morte de José Ferreira Lemos, casado, que foi da freguezia de Negreiros, fallecido nos Estados Unidos do Brazil, correm editos de 30 dias, a citar todos os credores desconhecidos ou domiciliados fora d'esta comarca, para assistirem, querendo a todos os termos do mesmo inventario até final e deduzirem n'elle os seus direitos, pena de revelia.

Barcellos, 21 de março de 1892. (210)

Verifiquei a exactidão,
O substituto do juiz de direito,
Barroso de Mattos.
O escrivão ajudante,

Francisco d'Assis Marques d'Azevedo.

as virgens de Raphael, bella como a Venos de Phidias, sem a exuberancia das formas, branca como uma açucena, esbelta como a palmeira, com a expressão melancolica do lyrio do deserto, fresca como as primeiras brizas do verão e meiga como um sorriso. Os seus olhos eram negros como o finos e abundante cabelló que lhe cahia em ondulações encantadoras por sobre os hombros; finalmente, parecia um d'esses typos sublimes que revellam em todos os seus movimentos uma pureza d'alma, tão perfeita como o seu physico, e uma grandeza de espirito como o d'aquellas evangelicas figuras que brilharam nos primeiros alvares do christianismo, para inumdamem de luz a civilização pagã.

Violeta, como as flores de quem herdara o nome condensava-se em si ao glacial contacto da miseria, antes de se abandonar ás expansões juvenis que são o primeiro sol da primeira primavera.

Envolvida nos toscos farrapos com que os seus proprios paes queriam engastar esta perola de inapreciavel valor, para occultar aos profanos olhares, como o avaro occulta o seu thezouro, cada

dia parecia augmentar em belleza e elegancia, e já, mais de sete impertinentes curiosos, amigos do bello, a tinham admirado de soslaio, sentindo o perfume da virtude, como as abelhas o das flores, e aquelles lascivos juizes que surprehenderam Suzapa.

Violeta que não tinha tempo de contemplar-se, e ignorava se era ou não formosa, desejava, ainda assim, florescer, e, como todas as da sua idade, abrir o seu fecho do coração ao sol dos amores, mas por enquanto tinha de resignar-se em ser a ajudante de sua mãe e a mestra de seus irmãosinhos, soñhando para si só!

—Como ter o coração alegre? —pensava muitas vezes—quando se respira miseria por todos os poros, e temos á vista o triste espectáculo da fome, e, ainda mais dolorozo, e de uma mãe que velava sem cessar e soffre sem descanso, e um pae que se dobra as agruras d'um labutar sem treguas, como os mais robustos carvalhos cedem ao furacão? Como ha-de ser! —murmurava amargamente erguendo os seus formosos olhos ao céu, e levantando os hombros com resignação terminava: —paciencia! quan-

do ha cinco irmãos que fazem barulho, riem e choram alternativamente, sem se esquecerem que tem appetite e lhes falta prudencia para soffrel-o, não se pode sophar no leito da esperança.

Como tudo tem a sua compensação, á filha do alvencero, nem lhe sobrava o tempo para aborrecer-se, nem para mostrar-se ou olhar-se ao espelho, e tambem era pouco o humor para que perdesse tempo em arranjar-se. Desde que despontava o sol no oriente até que de todo se occultava, com a mais terna solicitude, cuidava dos seus irmaositos, a que vestia, lavava e ensinava tudo quanto aprendera na escola da sua terra natal, remendando-lhes os farrapitos e obrigando-os a rezar ao levantar ou deitar da cama, enquanto a mãe arranjara o jantar que, todos os dias de trabalho, ia, ella propria, levar ao marido. Violeta era para os seus irmãos como a mais solícita e carinhosa mãe.

Consolava-os quando tristes, contava-lhes historias para os entreter, brincava com elles, e de quando em quando, propunha-lhes, tambem, algumas opportunissimas palmadas, para os conter

em respeito, o que conseguia, por que a olhavam como mãe, a ponto de não estarem satisfeitos sem que ella estivesse ao seu lado.

Quando Victorino, para aproveitar melhor o tempo jantava na obra, onde trabalhava, com sua mulher, era um regalo ver, nas tristes aguas-furtadas, aquelle quadro infantil de cinco annos rodeando a irmã mais velha, que lhes distribuia a parca refeição, proporcionalmente á idade de cada um, deixando-os a todos satisfeitos e contentes. O irmão mais velho que tinha cinco annos menos do que ella, era um dos que mais a respeitava e amava dando o exemplo aos mais pequenos.

Como a mocidade tem sempre ao seu dispôr, mil e cem meios para tirar partido das situações as mais desesperadas e insuportaveis, a filha mais velha do pedreiro, apesar achar-se atrefada com o cuidado de seus irmãos, descobria muitas vezes todos esses meios que nos ajudam a conservar inclumme, ainda no meio da mais lugubre miseria, todos os thesouros de formozura de que somos delectados pela natureza.

(continua)

AGRICULTURA PORTUGUEZA

Jornal dedicado á defeza da agricultura nacional redigido e collaborado por agricultores, agrónomos, veterinarios e sylvicultores.

Directores—Francisco S. Mirgionchi e Paulo de Moraes.

Proprietarios—Borges e C.ª.

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO
A agricultura Portugueza publica-se quinzenalmente, nos dias 5 e 20 de cada mez em fasciculos de formato 8.º grande.

Condições da assignatura
Portugal e provincias ultramarinas 2:000 reis.
Estrangeiro 2:500 «
Numero avulso 400 «
Redacção e Administracção -71, rua de S. José, 71, Lisboa.

REVISTA CATHOLICA

Semanario destinado á defeza das verdades christãs, dos direitos e liberdades da igreja e do clero, e dos grandes principios sociaes. Condições da assignatura paga adiantada

Portugal e provincias ultramarinas 1:500 reis.
Brazil, moeda forte 3:000 «
Numero avulso 80 «
Edior responsavel dr. Conego Manoel Vieira de Mattos—Vizen.

NOVIDADE LITTERARIA

Carteira de um jornalista—Portugal e Africa

A questão colonial—O conflicto anglo-portuguez

por J. P. Oliveira Martins. socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, honorario da Real Academia de Historia do Ateneu de Madrid; correspondente da Real Academia Hespanhola; membro do Instituto Internacional de estatistica de Londres, etc.
1 volume 400 reis.
Livraria Internacional, Porto.

O CHARIVARI

Semanario humoristico illustrado Serie de 12 numeros 240 rs.
Brazil 12 numeros 1:920 rs.
Redacção rua de St.º Ildefonso, n.º 73 a 77, Porço.

O PROGRESSO CATHOLICO

Quinzenario religioso scientifico litterario e artistico
Anno, Portugal e Hespanha 800 rs.
Redacção, rua Gil Vicente, Guimarães.

CARTEIRAS

Cara notas e cédulas, sortimento para todos os preços. A' venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—Campo da Feira 64, Barcellos.

LIVRARIA GULLARD, AILLA E C.ª

casa editora

Paris, 47, rue de Sain-André-des-Artes—Filial em Lisboa 242, Rua Aure a 1.º.

Curso Elementar de Geographia, conforme o programma do terceiro anno dos «Cursos dos Lyceus» por Manoel Ferreira-Deusdado, lente do Curso Superior de Lettras, director da revista de «Educação e Ensino». Um volume em 12 de 500 paginas, ornado de numerosas gravuras, encadernado em percalina. Custo..... 1:000 reis.

NAMESMA LIVRARIA

Algumas Noções de «Lingua e Litteratura Portugueza» conforme o programma official para os alumnos de instrucção secundaria por Alfredo Campos. Custo..... 300 reis.

KALENDARIO PARA 1892

Lindos gostos á venda na Livraria de Julio Joaquim Barreto—campo da Feira 64 Barcellos.

LIVRARIA CIVILISACÇÃO

Eduardo da Costa Santos, e Sobrinho—Editores.
4, rua de St.º Ildefonso, 12—PORTO.

ABEL BOTELHO

PATHOLOGIA SOCIAL

I
O BARÃO DE LAVOS

A fanchonice—Ahi está o assumpto d'este estudo devido á penna de Abel Botelho ou Abel Acacio, que tudo é um. Todos sabem que, quando se cita algum caso de pederastia desbragada, a indignação com que se acolhe a narrativa esbate-se quasi n'uma indiferença sorridente a isso prohem d'esse vicio repugnante estar profundamente inveterado na sociedade portugueza. como uma nojenta herpes icuravel, que porreja á superficie. N'este romance faz o auctor a pathogenese d'essa molestia n'um exemplar saliente—o Barão de Lavos,—com toda a acuidade e brilhantismo que lhe é peculiar. Desnecessario é ver muito longe para agourar a estretalho—novo no seu genero—um successo colossal.

NOSSA SENHORA DE PARIS

Romance historico, de Victor Hugo, traducção de João Pinheiro Chagas. *Nossa Senhora de Paris*, resurreição viva da idade medie, é uma obra de cunho e um dos mais formosos titulos litterarios do seu auctor. Um grande volume em brochura 2\$400 reis; o mesmo, ricamente, encadernado em luxuosas capas de percalina, de diferentes cores mandadas fazer expressamente na Alemanha 3\$400 reis; e, se alem de encadernado, tiver as folhas douradas, custa 2\$700 reis.

PHARMACIA

DA Santa e Real Casa da Misericordia

BARCELLOS

CAMPO DA FEIRA—EDIFICIO DO HOSPITAL

DIRECTOR—Avelino Ayres Duarte

Pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade de Coimbra

Variado sortimento de fundas, algalias, meias elasticas suspensorios, mamadeiras, thermometros, etc.
Grande collecção de productos chimicos, especialidades pharmaceuticas e aguas medicinaes nacionaes e estrangeiras. (76)

EMPRESA EDITORA DO «RECREIO»
DEPOSITO—RUA DO DIARIO DE NOTICIAS, 93—ADMINISTRACÇÃO E TYPOGRAPHIA—RUA DA BARROCA, 109—LISBOA

CARLOS SERTORIO

NOVELLAS PORTUGUEZAS

PUBLICAÇÃO MENSAL EM FOLHETO DE 48 A 64 PAGINAS

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

As «Novellas Portuguezas» serão publicadas isoladamente, em folhetos de 48 a 64 paginas cada uma, pelo módico preço de 60 reis, e saindo uma por mez; de fórma que no fim do anno, o assignante terá dois volumes de 300 paginas cada um, pelo preço de 360 reis. Quasi um real cada pagina!

Toda a obra contém, pois, 12 folhetos que importam ao assignante em 720 reis, formando dois unicos volumes.

Está em distribuição a 1.ª novella «O Caçador Caçado».

Em Lisboa, a assignatura pôde ser aos volumes ou aos folhetos. Cada folheto, 60 reis.—Cada volume, 360 reis.

Para a provincia, a assignatura é paga adeantadamente, 720 reis toda a obra, devendo declarar-se se o assignante deseja receber aos folhetos ou aos volumes.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a João Romano Torres, editor do «Recreio», rua da Barroca, 109, Lisboa.

M A P A DE PORTUGAL

Cem a rede completa dos CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, pelo Capitão d'estado maior de artilheria

ALBERTO MONTEIRO

engenheiro em serviço no Ministerio das Obras Publicas.

Contendo tambem a extensão kilometrica de cada linha quer em exploração quer em construção.

1 folha de 0,86m x 0,65m na escala de 1/850:000

200 reis, envernizado, collado em panno e com reguas

1:000 REIS

CORTADO COLLADO EM PANNO em forma de carteira em um

estojo de cartão 1:000 reis.

O MESMO MAPPA circundado com 22 vistas, em phototypia, de Lisboa, Belem, Cintra, Mafra, Batalha, Alcobaca, Thomar, Coimbra, Bussaco, Porto e Braga e as **bandeiras de todos os paizes.**

1 folha de 1,70m x 0,90m—400 reis.

ENVERNIZADO COLLADO EM PANNO e com reguas

1:500 REIS.

mapa com as vistas só pode ser remettido pelo caminho de ferre e acrescendo a despeza de 160 reis para as linhas do Norte e Leste Sul e Sueste, e de 220 reis para todas as outras.

A' venda em todas as livrarias do paiz e na casa editora

GULLARD, AILLAUD & C.ª

242, Rua Aurea, 1.º, Lisboa.

E' nosso correspondente n'esta villa o sr. Antonio José Alves do Valle—Campo de S. José.

VIDA

DE

D. FREI BARTHOLOMEU D'S MARTYRESM

Arcebispo e Senhor de Braga Primaz das Hespanhas da Ordem dos Prégadores, etc., etc.

Obra reproduzida na magnifica edição de 1610 feita em Vianna do Castello á custa da mesma cidade. E' repartida em sete livros, com a solemnidade da sua translacção por Frei Luiz de Cacegas e reformada em estylo, ordem e ampliada em muitos successos e particularidades por Frei Luiz de Souza, um dos classicos mais respeitaveis da lingua portugueza.

Esta edição, foi traduzida em francez em 1679, e em italiano em 1727, o que bem mostra o seu valor litterario.

Os editores resolveram reimprimir a vida do venerando Arcebispo em optimas condições materiaes e economicas afim de contribuir para a solemnização do seu centenário da morte do virtuosissimo antistite da Igreja Bracarense. Esta edição será augmentada com a biographia de Frei Luiz de Sousa feita por um distincto orador sagrado, desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga.

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

A obra comprehenderá os seis livros de que é composta, em 3 volumes, o primeiro dos quaes já estão publicados.

Tres grossos volumes Preço 1:800 reis franco de porte.

Assigna-se em todas as livrarias do reino.

Os srs. correspondentes terão a percentagem de 2%, e além d'isso, um exemplar gratis por cada 12 assignaturas.

Livraria escolar de Forte e C.ª—50 Rua Nova de Sousa 59, A—Braga.

A todas as senhoras do paiz

Novo METHODO DE CÔRTE

E maneira de qualquer senhora confeccionar por suas proprias mãos todos os seus vestuarios.

244 gravuras elucidativas sobre medidas, côrte, etc.

Obra indispensavel em todas as familias.

Appello aos chefes de familia. Economia domestica e moralidade pelo trabalho.

Um bello volume, illustrado, 700 reis.

Remette-se para todos os pontos do paiz, mediante vale do correio, ou sellos postaes.

Livraria Portuense de Lopes e C.ª editores.—Rua do Almada 119 a 123—Porto.

Vende-se em todas as livrarias do paiz.

Em Barcellos, no estabelecimento do sr. Joaquim José d'Azevedo—Campo da Feira. 93.

VICTOR HUGO

HISTORIA DE UM CRIME

(TRADUÇÃO DE UM EMIGRADO POLITICO.)

Está em distribuição o 2.º fasciculo d'esta magnifica obra historica, illustrada com excellente gravuras de pagina, edição luxuosa

No Porto e Lisboa, distribuir-se ha nos dias 1, 10 e 20 de cada mez, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, ou 40 e uma bellissima gravura, pelo módico preço de 400 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega.

Nas demais terras do reino as pessoas que desejarem assignar deverão remetter adiantadamente a importancia de um ou mais fasciculos, em estampilhas, vales do correio, ou ordens de facil cobrança

Toda a correspondencia deve se dirigida a Joaquim Ignacio Saraiva rua do Bom Jardim, 272, Porto onde se recebem assignaturas.

GEOGRAPHIA ECONOMICA

(AGRICOLA, INDUSTRIAL E COMMERCIAL)

Offerecida ao Athenaeo Commercial do Porto.

por

José Nicolau Raposo Botelho, major d'infantaria e ex-professor do Lyceu Central do Porto.

Condições da assignatura:

A obra será impressa em formato, papel e typo igual ao dos respectivos prospectos, em tudo recommendaveis.

A distribuição, constante de 15 fasciculos, aproximadamente, de 80 paginas, pelo preço de 200 reis cada um, será feita nos dias 4 e 15 de cada mez, ficando a obra completa em 3 volumes.

Os pedidos das provincias deverão ir sempre acompanhados da sua importancia.

Assigna-se nas principaes livrarias do paiz e na Livraria Universal de Magalhães e Moniz, Largo dos Loyos, 12, Porto.

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA

E LITTERARIA DO CLERO PORTUGUEZ E BRAZILEIRO.

ou Apologetica por Francisco Heltinger doutor em philosophia e theologia e professor da Universidade de Wurzburg, traducção portugueza do dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente de Vespera da Faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra.

Obra approvada pelo eminentissimo cardeal bispo do Porto.

Primeira parte

Demonstração da religião christã

Tome 1.º, custo 2\$200 reis.

Papelaria e Typographia Morgado S, Praça dos Voluntarios da Rainha, 10, Porto.

TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE BARCELLOS», Rua de S. Francisco, n.º 52, BARCELLOS.

E' seu editor o sr. Joaquim Maciel de Bariz.